

Essência e Qualidade na Televisão

Entrevista com Ron Simon

Apresentamos abaixo uma instigante entrevista concedida por Ron Simon, curador de televisão do Museu de Televisão e Rádio de Nova York, em uma de suas passagens por São Paulo. Aqui Simon fala sobre as principais características da televisão norte-americana e desenvolve o conceito de essência desta mídia que apresenta-se de maneira híbrida e mutável. Percorre a diacronia dos seus programas, enfatizando que o gênero dramático apresenta-se como a principal fórmula da televisão, cuja especificidade está relacionada ao fato de contar histórias com os mesmos personagens ao longo do tempo. As combinações singulares de signos sonoros e visuais e a qualidade de refletir o modo de vida e questionar as contradições da sociedade americana destacam-se como elementos importantes da estética televisual.

Simon discute ainda a importância dos estúdios de Hollywood no desenvolvimento e atual funcionamento da televisão pública e comercial nos Estados Unidos e as mudanças que o avanço tecnológico vem promovendo no cenário audiovisual e no comportamento da audiência. Para contrapor o rumo que a comercialização da televisão norte-americana tomou e criar paradigmas para refletir sobre as suas produções, são ressaltados os trabalhos autorais de Nam June Paik, Ernie Kovacs e Laurie Anderson, que foram veiculados entre os anos 1960 e 1980. Ao considerar a televisão como um meio que detém uma singularidade, Simon enfatiza os seus usos fora do espaço domiciliar e promove a idéia de se criar uma televisão para ficar permanentemente ligada, apresentando-se assim como uma obra de arte em constante mutação. O que também, por outro lado, estimularia a produção de

video-arte.

1- O que vem a ser a essência da televisão? Podemos falar neste conceito, já que a linguagem televisual é múltipla, mutável e absorve diversas características de outras mídias?

Podemos perceber que em certos períodos alguns programas parecem definir a televisão e conter a sua essência, entretanto como ela muda muito rapidamente, estes programas já não conseguem mais defini-la depois de um certo tempo. Há algumas produções que parecem definir novas direções para a televisão, e que muitos críticos consideram como o seu *modus vivendi*. Porém, ela continua a fluir em novas direções e estas essências se transformam muito rapidamente. Por exemplo, entre 1950 e 1959 nos Estados Unidos acreditava-se que a televisão seria sempre ao vivo. Havia alguma coisa sobre a imediaticidade da televisão, quer seja de uma produção dramática ou de um programa de esportes, a qual o público respondia muito bem. Havia algo na relação entre o espectador e o evento ao vivo que fez com que a televisão fosse única e especial, por isso vários executivos e críticos pensaram que a televisão seria essencialmente ao vivo ao longo dos anos.

Porém, todo o desenvolvimento da tecnologia de gravação das câmeras de vídeo em meados dos anos 1950 surpreendeu a indústria. Neste período, os estúdios cinematográficos começaram a se envolver com a televisão e implantaram a sua própria linha de produção para produzir os seus programas televisivos. Com isso, toda a onda da televisão ao vivo mudou completamente e o que parecia ser a essência da televisão nos anos 1950, já não era dez anos mais tarde, quando

poucos programas ao vivo ainda eram exibidos.

Ernie Kovacs, por exemplo, foi alguém que pensou que a televisão poderia ser feita em videotape, em programas curtos de comédia e música. Ele produzia especiais algumas vezes por ano, de modo que os seus programas de comédia não podiam ser integrados na programação normal de uma rede de televisão. Entretanto, percebe-se que havia uma possibilidade de mudar a linguagem televisual, pois ela era usada de um modo diferente do que nos filmes. No final dos anos 1950, apareceram outras possibilidades como os telefilmes. Hollywood levou para a televisão os mesmos gêneros do cinema, como westerns, suspense e comédia, formatando-os para a telinha. Mas nota-se que Kovacs queria fazer algo muito diferente, ele queria criar todo um novo gênero. Os seus primeiros programas foram muito bem sucedidos no sentido de pensar o potencial da televisão, mas, entretanto eles não determinaram o que ela seria depois de todos aqueles anos.

2. Mas como podemos articular o hibridismo da linguagem televisual com uma estética que lhe seja peculiar?

É interessante porque a televisão tem um pouco de cada arte, ela tem uma qualidade híbrida. Da mesma maneira que os seus predecessores, o rádio e o teatro, a televisão lida com a linguagem, com a comunicação. Se pensarmos sobre uma especificidade da televisão, ela estará certamente relacionada ao discurso. Há sempre gente falando, seja entre si ou com a audiência. Poderíamos dizer que o discurso verbal é um elemento particular à televisão, como, por exemplo, os *talk-shows*, que são importantes desde os seus primórdios da mídia.

Mas a televisão também vem do cinema e tem uma qualidade visual, que por sua vez pode angariar verbas especialmente para os custos de produção. Artistas como Kovacs e Paik usaram as qualidades visuais do meio e combinaram o visual com algum tipo de discurso e também com a música. A televisão sempre patrocinou a música, toda a nova geração MTV começou com a música. A idéia de combinar imagem e música, como propôs Ernie Kovacs, faz parte do modo como a televisão se comunica. Pode-se usar imagens e música para criar uma experiência emocional, mas também se pode fazer coisas muito interessantes com os diálogos. Há também inúmeras possibilidades de se combinar a música, os signos visuais e os diálogos para se fazer algo de um modo diferente. Sem dúvida que a televisão quer atingir uma certa audiência todas as noites, transformando-se numa espécie de linha de produção na formação de mentalidades. A questão é que pode haver outras formas de se pensar a televisão e criar audiências que se interessem por elas.

3. Podemos dizer que o drama é um dos principais gêneros da televisão, mas o que mudou desde o seu advento quando os programas eram transmitidos ao vivo?

De certa forma, a televisão norte-americana foi definida pelos estúdios de Hollywood e ainda continua a ser definida pelas séries com vinte ou vinte e seis episódios lançados a cada temporada. As séries apresentam sempre um episódio diferente com o mesmo personagem, seja a cada semana ou a cada ano. Esta é a tradição da televisão nos últimos quarenta anos, uma das suas principais fórmulas. Neste sentido, ao invés dos estúdios de Hollywood apresentarem uma

essência da televisão, eles lançaram uma fórmula sabendo que as pessoas iriam assistir semana após semana. A questão a ser colocada é se há algum tipo de televisão que seja singular e, portanto diferente do cinema, do teatro e de outras formas artísticas. Eu acho que a televisão atualmente, assim como aquilo que é considerado como a segunda idade de ouro da televisão, está relacionada à novela, pois a sua qualidade está em contar histórias ao longo do tempo, em vinte e seis episódios por ano e continuamente durante muitos anos. Este é o tipo de televisão que tem sido valorizado pelos críticos norte-americanos, a televisão não está mais baseada em episódios individuais criativos, como fazia Ernie Kovacs ou Nam June Paik. A televisão desenvolveu-se mais como um folhetim, onde os personagens são conhecidos por viverem situações que refletem e discutem aspectos problemáticos da vida norte-americana. Isto tem sido muito importante nos últimos vinte anos, mas poderá mudar à medida que o tempo passa, certamente que esta mudança traria um novo ciclo.

Porém, a questão não é somente o gênero dramático, há também a visão criativa do dramaturgo televisual dos primeiros tempos, como Paddy Chayefsky, que foi muito importante. Atualmente, há alguns escritores produtores como David Kelley, que escreveu e produziu *Ally McBeal* e *L.A. Law*, Stephen Bochco, entre outros, que estão definindo ou trazendo a sua visão criativa para a televisão. O público está correspondendo a estas visões individuais, apesar de muitos destes episódios dramáticos terem sido produzidos na linha de produção tipicamente hollywoodiana.

4. Aprofundando o conceito de uma essência televisual, gostaríamos de relacioná-lo ao conceito de qualidade na

televisão que é muito abrangente e até mesmo contraditório. O que o Sr. acha que pode ser considerado como qualidade na televisão?

Há muitas maneiras de se pensar sobre isso. Nos Estados Unidos, a televisão reflete os problemas e as contradições da nossa sociedade mais rapidamente do que qualquer outra mídia. De fato, a televisão sempre teve o papel de refletir sobre o que estava acontecendo num determinado momento. Apesar das pessoas pensarem criativamente sobre os problemas, o que a televisão faz muito bem é questionar e levantar questões. Enquanto um filme leva um ou dois anos para refletir sobre algumas questões e um livro ou um romance possa levar ainda mais tempo, a televisão pode absorvê-las em poucas semanas. Há uma série chamada *Law & Order*, que sempre discute problemas levantados nas chamadas dos noticiários da televisão.

Por outro lado, ela também apresenta um modo realista. Entretanto, há outros modos, algumas pessoas podem pensar de forma diferente e apresentar novas formas de comunicar-se. A televisão pode fazer coisas que ainda não tínhamos pensado, por meio de combinações únicas de imagens, sons e signos. Isto faz parte da sua história e foi feito por algumas pessoas nestes últimos cinquenta anos. Ela apresenta a idéia de absorver o mundo realisticamente e também esteticamente, apresentando um produto único criado com imagens e sons. Neste sentido, a televisão tem muitas histórias diferentes ao longo da sua própria história, não há somente uma televisão, há muitos tipos de televisão.

5. Poderia explicar resumidamente como o sistema de televisão é organizado nos Estados Unidos? Há alguma possibilidade de se recriar a televisão em algum dos canais públicos ou por cabo?

O modelo da televisão norte-americana é muito diferente dos outros modelos mundiais. Ela começou comercialmente com o intuito de ajudar a indústria publicitária a atrair as audiências para vender os seus produtos, ou seja, esta é a forma como as pessoas sempre vivenciaram a televisão. A Public Broadcasting Service (PBS) foi criada após dez anos de funcionamento da televisão. Por isso, a rede de televisão pública norte-americana é muito diferente daquela que se desenvolveu na Grã-Bretanha com a British Broadcasting Corporation (BBC). Certamente que ela tem o seu papel nos Estados Unidos, mas não é considerada a progenitora da televisão como a BBC.

A PBS, que cultivou artistas como Nam June Paik e que talvez tivesse cultivado Kovacs se ele não tivesse morrido em 1962, não está tentando experimentar com a linguagem. Na verdade, a PBS não está investindo numa melhoria da televisão como fez no passado. Algumas áreas da programação tentam inovar a linguagem, mas de fato ela continua a fazer aquilo que sempre fez, que não é muito diferente daquilo que as redes comerciais fazem. De alguma forma, isto pode estar relacionado com toda a cultura norte-americana, que não é tão ousada como nos anos 1960 e começo dos anos 1970. De qualquer maneira, acredito que estas coisas podem mudar muito rapidamente, por exemplo, se olharmos para trás e constatarmos que outros modelos já patrocinaram criadores como Nam June Paik, talvez seja possível que voltem a patrocinar outros artistas.

Entretanto, no momento em que a televisão pública estava criando

uma identidade própria, houve a advento do sistema por cabo. No seu início, o universo de televisão por cabo era muito promissor, mas atualmente muitos canais são parceiros dos grandes estúdios cinematográficos de Hollywood ou subsidiários das redes comerciais. Não há proprietários individuais, por exemplo, o canal de esportes ESPN pertence a ABC, que por sua vez pertence a Disney. Sem dúvida que há um tipo de televisão comercial e outro tipo por cabo, mas as empresas pertencem umas às outras, isto significa que não há um canal por cabo que seja realmente devotado à experimentação. É tão caro manter uma rede por cabo que os proprietários querem ter certeza de que há uma audiência para esta rede antes dela começar a operar.

6. Como funcionam os canais locais e quais são as suas produções mais relevantes?

Recentemente houve uma grande discussão tramitando no Congresso sobre a quantidade de canais locais que uma rede pode ser proprietária. Há canais locais espalhados por todo o país, os quais veiculam novos programas regularmente a fim de cativarem sempre uma audiência, mas são raras as produções locais de qualquer tipo de programa, seja de notícias ou de variedades, porque as emissoras preferem comprar programas prontos dos grandes estúdios, e isto acaba se tornando um problema.

7. Sabemos que o Sr. é um pouco cético com relação às novas criações para a televisão, mas há algum programa na televisão

norte-americana que possa destacar como criativo ou de qualidade?

Há um aspecto que gostaria de ressaltar, atualmente a televisão está presente em todos os lugares, seja numa galeria de arte ou numa loja de departamento. Ela tem sido usada de muitas maneiras, até mesmo para vender produtos. Eu fico impressionado com alguns artistas que trazem a televisão para as galerias de arte e não criam necessariamente algum produto audiovisual. Há muitos usos diferentes para a televisão para além daquele móvel que todos têm na sua sala de estar. Eu me interesso pelas maneiras como ela é usada fora do domicílio. Nos Estados Unidos, a televisão começou por ser exibida em bares e restaurantes a fim de agrupar as pessoas para assistir aos programas de entretenimento e hoje ela se encontra novamente em todos os lugares. Na Times Square de Nova York há telas de televisão espalhadas por toda parte, as quais são usadas de diversas formas, seja comercial ou esteticamente. Acho que a idéia da televisão não estar em casa, mas em todo e qualquer lugar é de grande interesse.

Os documentários, que se desenvolveram a partir do cinema, também são muito importantes para a televisão. A idéia de retratar, capturar a vida começou nos anos 1960, com o cinema realista, graças ao desenvolvimento das pequenas câmeras de vídeo. Uma outra possibilidade que podemos pensar é na convergência da televisão com a internet, que além de refletir a maneira como vivemos, está mudando a nossa percepção. Ou como a televisão interativa, por exemplo, em que as pessoas podem escolher e votar. De fato, há várias formas da audiência fazer afirmações e estar em controle da

televisão, e isto já está sendo feito atualmente.

8. O Sr. acredita que a internet possa mudar a maneira como as pessoas se relacionam com a televisão?

Há várias páginas na internet com idéias interessantes sobre a televisão, especialmente em relação com o modo como ela é vista diariamente. As pessoas escrevem diários das suas experiências televisuais, relatando assim as suas próprias histórias da televisão. Enquanto os jornais fazem apenas uma resenha de um programa, os diários individuais escritos na internet apresentam todo o seu desenvolvimento. Neste sentido, é possível ter uma idéia muito mais clara do modo como a televisão está sendo vivenciada pelos telespectadores, além de incentivar o surgimento de muitas outras possibilidades.

9. O Sr. considera que há espaço para os vídeo-artistas neste novo modo de produção em que a televisão converge com a internet? Será que o barateamento da tecnologia poderia estimular a veiculação da vídeo-arte nesta nova mídia, no sentido dela ser exibida mais freqüentemente e não ficar restrita apenas aos museus?

Eu acho que a vídeo-arte tem muitas estratégias diferentes e, ao mesmo tempo, ela pode ser absorvida muito rapidamente pelo mercado, mas seria necessário permitir que ela fosse repensada. Até certo ponto, Laurie Anderson ficou reconhecida por fazer isso na

televisão pública nos anos 1980. A televisão pública, em especial, tem um compromisso com a vídeo-arte, pois permite que o artista apresente o seu modo de perceber o que é a essência da televisão. Esta é uma possibilidade e, obviamente, algumas iniciativas individuais motivaram e ainda motivam muitos programas dramáticos. Se houver um artista que incentive o começo de um movimento, isso levará outros artistas a participarem. Isso poderia ser muito bom porque há muitos trabalhos interessantes nas galerias e a questão é exatamente como exibir este material na televisão. Atualmente, é muito mais difícil exibir vídeo-arte na televisão, quer seja na televisão comercial, paga ou pública, mas as possibilidades ainda existem.

Na verdade, isto é paradoxal porque ao mesmo tempo que há muito espaço, não há espaço. As emissoras tentam apenas atrair audiências, mas pode ser que uma emissora de televisão que ofereça uma espécie de experiência videográfica diferente a cada dia seja viável. A minha idéia seria criar imagens para uma televisão que ficaria sempre ligada, como uma obra de arte em constante mutação. Esta é uma maneira interessante de considerar a televisão, mas ninguém tentou fazer isso ainda. Imagine que se ela fosse como um papel de parede na tela do computador, eu acho que uma emissora poderia tentar fazer isto. A idéia é que a pessoa não assiste de fato à televisão, isto é, da forma habitual, mas a televisão integra-se e começa a fazer parte do ambiente em que ela vive. Acho que isso poderia certamente atrair uma audiência, porque funciona na galeria de arte em que as pessoas entram e saem. Seria como pensar na sua própria casa como uma galeria, poderia chamar-se TV Galeria ou TV Galeria de Arte, acho que poderia atrair uma audiência interessada em viver numa casa que fosse como um museu ou uma galeria de arte contemporânea.

10. E com relação ao desenvolvimento da televisão digital, haverá uma mudança nos modos de produção, recepção e até mesmo na linguagem estética da televisão, acha que poderíamos falar de uma nova era audiovisual?

Há uma possibilidade, porém a televisão digital fragmenta a audiência e, em termos econômicos, não é possível gastar tanto dinheiro com a produção ou com um grande elenco como ocorria há cinco ou dez anos. Neste novo universo, os produtores têm mais problemas com as relações econômicas do que com as relações estéticas. A tendência é muito mais de adaptar os dramas bem-sucedidos a um orçamento reduzido do que tentar criar alguma coisa diferente daquilo que já foi visto. Ao contrário do que foi feito no começo dos anos 1970 por Nam June Paik e muitos músicos que propuseram novas idéias para a televisão, o universo digital não está tentando repensar a televisão e sugerir novos caminhos, pelo menos nos Estados Unidos. Sabemos que um certo tipo de televisão funciona e que alguns profissionais sabem fazer isso muito bem, mas há outras maneiras de se fazer televisão. Acredito que ainda não apareceu um pensamento mais idealista, acho que isso tem a ver com os aspectos econômicos, pois é necessário que haja uma certa injeção de capital para que novas idéias e novos modos de se fazer televisão sejam lançados no mercado, como foi o caso da televisão ao vivo no começo dos anos 1970 nos EUA.

11. O Sr. poderia apontar alguns aspectos que considera interessantes nos programas da televisão brasileira?

Eu acho que o formato da telenovela é muito interessante, mas parece que esta é uma produção da televisão brasileira que não é levada muito a sério. No entanto, muitas estratégias narrativas foram tiradas das telenovelas e levadas para a televisão norte-americana, as quais podem ser vistas principalmente neste novo tipo de drama. Claro que não me refiro às situações dramáticas, mas a maneira de contar uma história com o intuito de manter uma audiência.

Há também os videoclipes. Muitos músicos brasileiros de renome, como Gilberto Gil e Caetano Veloso, já estiveram no museu para saber como a televisão usou os seus trabalhos.

12. O Sr. poderia explicar como se pode ter acesso ao arquivo e como funciona o Museu de Rádio e Televisão de Nova York.

O museu está direcionado para vários públicos, pois nós queremos um museu em que qualquer pessoa possa entrar e usar as instalações. Entretanto, temos três públicos principais: um público profissional, executivos e diretores de programas, que procura cenas ou quer se inspirar no passado para produzir novos programas. Um público acadêmico, que é muito importante. Atualmente, muitos cursos integraram a televisão como parte do currículo e o museu passou a ser usado como uma espécie de livro de consulta. Por exemplo, tem um professor da New York University que solicita aos seus alunos que assistam programas de televisão no museu ao invés de lerem livros. Neste sentido, eu suponho que muitos livros e trabalhos de graduação estão sendo escritos no museu. E o público em geral, pois o mais interessante com relação ao museu é que qualquer pessoa pode entrar

e assistir a qualquer programa. O que faz com que o museu seja único é realmente a reunião destes três tipos diferentes de público. Há duas maneiras diferentes de usar o museu, uma delas é assistir aos programas em um dos quatro anfiteatros disponíveis. Há sempre uma programação com vários gêneros, pessoas e artistas diferentes. Desta forma, pode-se ver televisão como uma experiência em grupo, há um anfiteatro com 200 lugares, outro com 100 lugares, como se fosse mesmo uma experiência teatral que pode até mesmo mudar a percepção das pessoas sobre a televisão. A outra maneira é o uso individual, a pessoa pode escolher um programa da nossa coleção de 130.000 produtos audiovisuais e criar o seu próprio dia no museu, assistindo aos programas no seu próprio ritmo. Muitas pessoas assistem a programas que poderiam ter visto na televisão, mas no museu eles são vistos de uma forma diferente, pois têm uma referência artística. Pode-se perceber algumas particularidades e qualidades do programa que talvez em casa não seja possível devido ao barulho, ou ao som do telefone ou qualquer outra coisa, talvez ele seja visto mais como uma obra de arte.



Ron Simon é curador de televisão do Museu desde os anos 1980. É professor da Columbia University, New York University e Hunter College, onde ensina História da Mídia.

Entrevista: Gabriela Borges, Soraya Ferreira e Cleber Carminatti

Transcrição e Tradução: Gabriela Borges